

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
PÓLO DE GRAVATAÍ

**LÍGIA REGINA DOS PASSOS SILVEIRA**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO  
PROFESSOR-ALUNO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA  
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

PORTO ALEGRE

2010

**LÍGIA REGINA DOS PASSOS SILVEIRA**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO  
PROFESSOR-ALUNO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA  
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Paulo Francisco Slomp

Tutora: Bianca Silva Costa

PORTO ALEGRE

2010

**LÍGIA REGINA DOS PASSOS SILVEIRA**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO PARA  
A CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Paulo Francisco Slomp

Tutora: Bianca Silva Costa

Aprovado em 10/12/2010.

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso, A importância da afetividade na relação professor-aluno para a construção de uma aprendizagem significativa., elaborado por Ligia Regina dos Passos Silveira, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Professor Paulo Francisco Slomp

Professora Mariangela Kraemer Lenz Ziede

Professora Mauren Lúcia Tezzari

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

**Diretora Faculdade de Educação:** Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

*Dedico este trabalho aos meus queridos pais José e Leopoldina, pelo incentivo e carinho a mim concedidos, não só durante o transcorrer deste trabalho, mas em todos os momentos da minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela força que representa em minha vida, me fazendo superar situações difíceis, transformando-as em aprendizado.

Ao meu marido Volnei e aos meus filhos Fabrício e Juliana o meu agradecimento por entenderem a ausência em família, para alcançar o sonho da formação acadêmica.

Em especial à minha filha Juliana, pela paciência em me ajudar inúmeras vezes com a utilização da tecnologia.

A toda minha família, pela confiança, motivação e apoio com palavras e gestos de carinho.

Aos colegas e amigos de grupo Marinês de Medeiros, Marta Lair, Nara Oliveira e Paulo Medeiros, pois juntos construímos aprendizagens e acima de tudo uma verdadeira amizade.

A colega e amiga Luiza Amélia, por ter participado de todas as minhas dificuldades e sempre ter me ajudado a supera-las.

Ao professor Paulo Slomp, que me orientou na construção deste trabalho, pelo conhecimento transmitido.

A tutora Bianca, pela forma como me incentivou neste trabalho, compartilhando seus conhecimentos com dedicação e carinho.

Aos meus queridos alunos, pela oportunidade de aprender a cada dia, relacionando teoria e prática.

A todos os professores, tutores e colegas de curso, pois juntos trilhamos uma etapa importante de nossas vidas.

*“Brincar com a criança não é perder tempo, é ganha-lo, se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.*

*(Carlos Drummond de Andrade)*

## RESUMO

Este trabalho busca estudar a influência da afetividade na relação professor-aluno e como ela interfere no processo de ensino aprendizagem dos alunos das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental. Objetiva-se analisar e destacar a importância da relação professor-aluno como fator indiferente, dificultador ou facilitador do processo de ensino aprendizagem, compreender o conceito de afetividade e auto-estima, descrever a escola e a turma envolvida e observar a afetividade e auto-estima na relação entre professor-aluno na sala de aula. Buscou-se em obras educacionais e pedagógicas referências sobre o conceito de afetividade e auto-estima e sua influência no processo de aprendizagem. Além de uma pesquisa bibliográfica, também realizamos uma pesquisa de campo, por meio da aplicação de um questionário. A afetividade está relacionada com o respeito mútuo entre professor e aluno, com a comunicação e a interação entre ambos e com a construção coletiva das regras e limites. A escola deve proporcionar um espaço de reflexão que leve em conta o aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, que não deveria dissociar-se da afetividade. O professor assume um papel fundamental para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo. Por meio da pesquisa realizada em uma escola da região metropolitana de Porto Alegre, pode-se constatar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as palavras dos jovens deixam claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e a amizade.

**Palavras-chave:** Comportamento afetivo - Desenvolvimento afetivo - Interação professor-aluno.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	10
<b>2</b>	<b>AFETIVIDADE E AUTO-ESTIMA</b> .....	14
2.1	Apresentando os conceitos de afetividade e auto-estima .....	14
2.2	A relação entre afetividade e cognição .....	18
<b>3</b>	<b>DESCRIÇÃO DA ESCOLA E DA TURMA</b> .....	21
3.1	Conhecendo a escola .....	21
3.2	Perfil da turma .....	24
3.3	Conselho de Classe: a visão dos professores.....	26
<b>4</b>	<b>AFETIVIDADE E AUTO-ESTIMA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO</b> . 29	
4.1	A influência do professor no rendimento escolar do aluno .....	29
4.2	Análise e interpretação de dados .....	31
4.3	Propostas de renovação metodológica .....	34
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	38
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	40
	<b>APÊNDICE</b> .....	42

# 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem por finalidade refletir sobre a influência da afetividade na relação professor-aluno e como ela interfere no processo de ensino aprendizagem dos alunos das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental de uma escola da região metropolitana de Porto Alegre.

A partir das inquietações e reflexões realizadas durante a prática profissional e de situações vivenciadas com as séries finais, foi feita a escolha da temática do presente trabalho: a afetividade como forma de elevação da auto-estima do aluno e conseqüentemente da construção de uma aprendizagem significativa.

A afetividade na relação professor-aluno não se restringe apenas ao contato físico, já que essas trocas afetivas se tornam mais complexas e evoluem para respeito, compreensão e diálogo. Neste sentido, acredito que, cabe ao professor oferecer oportunidades ao aluno para realizar as atividades de acordo com suas possibilidades e com confiança em sua capacidade.

De acordo com Alícia Fernandez (1991) toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vinculado. Na aprendizagem escolar, a relação entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros e escrita, não se dá puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações, visto que, para aprender é necessário um vínculo de confiança entre quem ensina e quem aprende. O processo de ensino e aprendizagem é complexo e pode trazer tanto para o educador quanto para o educando momentos de alegria, angústia e tristeza.

O aluno não é uma “caixa vazia” a ser preenchida através de condicionamentos ou repetição de exercícios, mas deve ser sujeito ativo no processo de aprendizagem, por isso o relacionamento afetivo e harmonioso é um grande desafio para o educador.

A relação afetiva é um fator básico no processo ensino-aprendizagem, visto que a partir do relacionamento positivo entre professor e aluno, a criança se sente segura e estimulada a construir sua aprendizagem e busca sua autonomia. Por essa razão buscamos

investigar como a relação afetiva entre professor e aluno influencia de forma positiva ou negativa na construção da aprendizagem. Moran (2007, pág. 21) diz que: “A educação tem de surpreender, cativar, conquistar os estudantes a todo o momento. A educação precisa encantar, entusiasmar, seduzir, apontar possibilidades e realizar novos conhecimentos e práticas.”

Partindo dessas considerações, é importante ressaltar que esse estudo está baseado em pesquisas bibliográficas, práticas observadas na minha vida profissional e pesquisa de campo. Através de um questionário, coletamos dados com alunos da 6ª série do Ensino Fundamental. Interpretaremos e analisaremos os dados referentes ao relacionamento existente entre professores e alunos.

Esperamos que esse estudo possibilite a compreensão da afetividade como elemento fundamental em uma aprendizagem significativa, já que a relação entre professor e aluno é de grande importância para uma educação de qualidade.

A partir disso, o presente TCC pretende responder a seguinte questão: De que maneira pode-se observar a importância da relação entre professor-aluno, como fator indiferente, dificultador ou facilitador do processo de ensino-aprendizagem?

Para responder tal questionamento, o presente trabalho tem o objetivo geral de analisar e destacar a importância da relação professor-aluno como fator indiferente, dificultador ou facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Como objetivo específico pretende-se: compreender o conceito de afetividade e auto-estima; descrever a escola e a turma envolvida na pesquisa; observar a afetividade e a auto-estima na relação entre professor-aluno na sala de aula. Buscaremos o referencial teórico em Paulo Freire, Maria Tereza Maldonado, Wallon, Piaget, Gilson de Almeida Pereira entre outros.

Esta monografia apresenta uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, organizando e interpretando dados e analisando os resultados obtidos por meio de um questionário com questões abertas, respondido por alunos de uma turma de 6ª série do Ensino Fundamental.

Os sujeitos desse estudo são 17 alunos de uma 6ª série do Ensino Fundamental. Dos 17 alunos, 16 responderam o questionário e 1 aluno se recusou a responder por não estar com vontade, mas conversou oralmente com a professora a respeito das perguntas.

Nossa opção por essa turma se deu pelo fato de, como bibliotecária, assumindo algumas vezes o papel de professora substituta, trabalhamos várias vezes com essa turma, observando seus comportamentos, atitudes e dificuldades, tanto na área cognitiva quanto na área afetiva. Foi no mesmo período em que estávamos fazendo muitas reflexões teóricas relacionadas à prática, em função do Estágio do Curso de Pedagogia. O estágio foi realizado com uma turma de 3ª série do Ensino Fundamental, com crianças de 8 a 12 anos, onde observamos o quanto os alunos trabalharam motivados, com alegria e prazer em cada uma de suas descobertas, interagindo com os colegas e com a professora, realizando pesquisas. A professora desempenhava o papel de mediadora, propondo desafios e possibilitando ao aluno refletir sobre suas dúvidas e certezas. O trabalho foi realizado através dos Projetos de Aprendizagem e ocorreu de forma significativa, desenvolvendo a autonomia. No capítulo 3 explicaremos o que são Projetos de Aprendizagem.

Contraposto a esse cenário da 3ª série, observamos a turma da 6ª série com alunos desmotivados, indisciplinados, com atividades simplesmente de cópias de livros, professores descontentes, irritados. Ou seja, não havia aprendizagem significativa, apenas exercícios de memorização, regras impostas sem diálogo com a turma, que respondia aos professores com bagunça e indisciplina na sala de aula. Surgiram em mim inquietações, indagações, reflexões sobre a importância das relações afetivas dos professores com os alunos para a construção de uma aprendizagem significativa. Por que não trabalhar com os alunos maiores com temas dos seus interesses? Por que não trabalhar a interação? Não fazer trocas? Não mudar a posição das cadeiras enfileiradas? Será que tudo isso seria possível se houvesse uma renovação metodológica e principalmente uma relação afetiva positiva entre professores e alunos?

Este trabalho está estruturado em três momentos. No primeiro capítulo buscaremos em obras educacionais referências sobre os conceitos de afetividade e de auto-estima e sua influência no processo de aprendizagem, bem como a relação entre afetividade e cognição. No segundo capítulo apresentaremos a escola onde foi realizado o estágio supervisionado (do PEAD) considerando as observações, o perfil da turma e a visão dos professores a respeito dos alunos. No terceiro e último capítulo realizaremos uma reflexão sobre a importância do olhar do educador em relação aos educandos e o seu papel no processo de aprendizagem. Neste capítulo, serão apresentados os dados coletados, sendo que as perguntas apresentadas (apêndice 1) buscavam conhecer o pensamento dos alunos sobre as aulas e o relacionamento com os professores. Para visualizar melhor os dados obtidos nos questionários, serão tabuladas as respostas (apêndice 2) de acordo com tópicos semelhantes. Além disso, faremos uma análise dos dados, buscando relações com as teorias estudadas. Finalmente observaremos a necessidade de inovações metodológicas para que aconteçam mudanças significativas na educação, permitindo ao aluno o desenvolvimento de sua autonomia.

## 2 AFETIVIDADE E AUTO-ESTIMA

Refletir sobre afetividade e auto-estima é acreditar em uma educação baseada no respeito, na compreensão e autonomia. A relação entre professor e aluno deve ser a mais próxima possível, já que o ser humano necessita ser ouvido, respeitado e valorizado, contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo. A afetividade está diretamente relacionada à construção da auto-estima. O ambiente pode afetar os sentimentos e atitudes dos alunos. Um ambiente frio e triste não produz motivação para aprender. Um ambiente alegre, em que predominam as relações de afeto, amizade e respeito, produzem motivação para aprender e elevam a auto-estima dos alunos. A seguir apresentaremos conceitos sobre afetividade e auto-estima de acordo com alguns autores estudados.

### 2.1 APRESENTANDO OS CONCEITOS DE AFETIVIDADE E AUTO-ESTIMA

A afetividade, na escola, sempre foi colocada em segundo plano, pois quando se falava em aprendizagem, acreditava-se que essa era uma função exclusiva da razão. No entanto, ultimamente, vários estudos têm direcionado o olhar para a dimensão afetiva do comportamento humano. A partir de abordagens que dão ênfase nas interações sociais, destacando-se o papel determinante do outro no desenvolvimento e na constituição do indivíduo, tem se configurado uma tendência na consolidação de teorias que se baseiam numa visão mais integrada do ser humano. A afetividade, de acordo com Antunes é:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor. (Antunes, 2006, p. 5).

Para esse mesmo autor, a aprendizagem é uma mudança comportamental que resulta da experiência. Neste sentido, ressalta-se uma forma de adaptação ao ambiente, que não está associada apenas à idéia de carinho, bondade e ternura, mas significa também passar

segurança, educar com firmeza no cumprimento das regras, porque dessa forma a criança estará sendo preparada para a vida.

Do mesmo modo que Antunes reflete sobre a necessidade do amor, Maldonado aborda o medo e a desconfiança como fatores que dificultam o relacionamento interpessoal, assinalando que o amor pode estar escondido sob camadas de mágoa, medo, tristeza, ressentimento, decepção, vergonha e raiva. Assim, para este autor,

Atitudes ríspidas, grosseiras e agressivas expressam, com frequência, a necessidade de formar uma carapuça protetora contra o medo de ser rejeitado, contra sentimentos de inadequação (“já que sou mesmo incompetente para tantas coisas, por aí eu me destaco”) e contra a dor do desamor (“ninguém gosta de mim mesmo, quero mais é explodir o mundo”) (MALDONADO, 1994, p.39)

Na prática, observamos uma grande preocupação dos educadores em procurar fórmulas para alcançar a disciplina em sala de aula, enquanto outros já desistiram, dizendo não haver solução. Porém acreditamos que essa solução possa ser atingida quando os sentimentos humanos forem levados em conta, tanto dos professores, quanto dos alunos, encontrando no ato afetivo o caminho para a compreensão dos sujeitos em constante processo de construção.

Rodrigues (1976,p.173) observa que os motivos humanos para aprender qualquer coisa são profundamente interiores. A criança deseja aprender quando há em si motivos que desencadeiem tais aprendizagens. Considerando esta afirmação, o autor salienta que,

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando se sente querida, está segura de si e é tratada como um ser singular (...). Se a tarefa escolar atender aos seus impulsos para a exploração e a descoberta, se o tédio e a monotonias forem banidos da escola, se o professor, além de falar, souber ouvir e se propiciar experiências diversas, a aprendizagem infantil será melhor, mais rápida e mais persistente. Os motivos da criança para aprender são os mesmos motivos que ela tem para viver. Eles não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas do desenvolvimento (RODRIGUES, 1976, p.174)

Wallon (1968) estabelece uma distinção entre emoção e afetividade . Segundo esse autor, as emoções são manifestações de estados subjetivos, mas com componentes

orgânicos. Contrações musculares ou viscerais, por exemplo, são sentidas e comunicadas através do choro, significando fome ou algum desconforto na posição em que se encontra o bebê. Ao defender o caráter biológico das emoções, destaca que estas se originam na função tônica. Toda alteração emocional provoca flutuações de tônus muscular, tanto de vísceras como da musculatura superficial e, dependendo da natureza da emoção, provoca um tipo diferente de alteração muscular.

A afetividade, por sua vez, tem uma concepção mais ampla, envolvendo uma gama maior de manifestações, englobando sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica). A afetividade corresponde a um período mais tardio na evolução da criança, quando surgem os elementos simbólicos. É com o aparecimento destes que ocorre a transformação das emoções em sentimentos. A possibilidade de representação, que conseqüentemente implica na transferência para o plano mental, confere aos sentimentos uma certa durabilidade e moderação.

O mesmo autor defende ainda que, no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. Tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se, basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo. Através desta interação com o meio humano, a criança passa de um estado de total sincretismo para um progressivo processo de diferenciação, onde a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade. Da mesma forma, é através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço. São os desejos, as intenções e os motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos. (Wallon, 1968)

A partir disso, faz-se necessário observar a importância sobre o que a pessoa pensa de si mesma, ou seja, a sua auto-estima. Se for positiva, a pessoa tem uma boa imagem de si, acredita que os outros gostam e confiam nela. Ao contrário, quando negativa, acha que não é capaz, não acredita em si mesma e considera que não sabe fazer nada direito. Relacionando esta questão com o ambiente escolar, é importante observar que o professor é um sujeito próximo da criança ou do adolescente. Por isso pode se tornar um referencial

para a construção da auto-estima. O professor pode oferecer uma atenção aos seus alunos, acompanhando o seu desempenho escolar, acreditando nas capacidades dos educandos e mostrando através do respeito, que o erro faz parte do processo de construção do conhecimento.

O professor que trabalha bem com a auto-estima do aluno, valoriza o que ele traz, sem ironia ou humilhação. Segundo Tiba (1998) a auto-estima é o sentimento que faz com que a pessoa goste de si mesma, aprecie o que faz e aprove suas atitudes. Trata-se de um dos mais importantes ingredientes do nosso comportamento.

Segundo Pereira (2004) o ato afetivo é a realização do afeto. Ele se estabelece como forma de expressão do sentimento que o professor tem por si próprio e pelo sujeito histórico do aluno (Rogers, 1977; Fernández, 1991), promovendo, o sentimento de valia, ou seja, os bons sentimentos, de alegria, respeito e amizade. Dessa forma o respeito mútuo se evidencia, e os limites estarão presentes como forma de valoração dos espaços. Para ser afetuoso não é necessário dizer sempre sim, pois o afeto está presente no ato, seja em um afago ou em uma negação, seja em um elogio ou em uma repreensão.

Tiba observa que o tratamento com respeito e elogios favorece o desenvolvimento da auto-estima, tanto da turma como de cada aluno individualmente. "... é por isso que os alunos vão cada vez melhor naquilo que fazem bem. Em contrapartida, tudo que diminui a auto-estima é abandonado; portanto o indivíduo tende a piorar naquilo que vai mal". (1996, p.187).

É a inter-relação com o meio que vai construindo a auto-estima e os educadores têm uma grande responsabilidade com essa tarefa, já que coordenam grupo de alunos, no qual existem muitos sujeitos que dependem da sua atuação, da sua figura e da sua ajuda para construir seus conhecimentos. Sobre isso, comenta Mosquera :

A adolescência está intimamente ligada à consecução de uma auto-estima que seja suficientemente sólida para poder resistir perante um mundo de contínuas solicitações e provas. Não é simples constituir uma auto-imagem sadia e uma auto-estima realista, porque a dependência sociocultural delimita e bombardeia as possibilidades de um equilíbrio psicológico, através das demandas que obrigam a comportamentos que

não foram devidamente preparados para uma adaptação psicológica sadia. (1974, p.45)

Neste sentido, cabe ressaltar que o professor precisa ter o desejo de que seu aluno aprenda. É fundamental acreditar que o aluno é capaz de aprender, mesmo que seja dentro de suas limitações, alguma coisa ele irá aprender. Existe a concepção de que todos devem aprender a mesma coisa ao mesmo tempo, porém cada um tem uma experiência de vida, tem seu interesse e sua motivação. O professor precisa ter a sensibilidade de ouvir seu aluno, conhecer sua realidade e criar um clima afetivo na sala de aula, o que possibilitará ao educando desenvolver sua auto-estima, contribuindo para estimular a aprendizagem.

## 2.2 A RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E COGNIÇÃO

Como já foi dito anteriormente, a afetividade na escola, tende a ficar em segundo plano, dando-se ênfase aos aspectos cognitivos. No entanto, hoje, através de estudos sobre a afetividade nas práticas pedagógicas, acredita-se que não existe uma aprendizagem unicamente cognitiva ou racional, já que os aspectos afetivos que compõem a personalidade do aluno não estão dissociados durante o período em que ele está na sala de aula. Pensar e sentir se complementam.

Na teoria de Wallon (1968), a dimensão afetiva é destacada de forma significativa na construção da pessoa e do conhecimento. Afetividade e inteligência, apesar de terem funções definidas e diferenciadas, são inseparáveis na evolução psíquica. Entre o aspecto cognitivo e afetivo existe oposição e complementariedade. Dependendo da atividade, há a preponderância do afetivo ou do cognitivo. Não se trata da exclusão de um em relação ao outro, mas sim de alternâncias em que um submerge para que o outro possa emergir. Na escola essas relações acontecem o tempo todo, através dos conflitos e oposições, ou do diálogo e da interação.

Piaget (1980), estudando o afeto e a cognição, considerou o desenvolvimento intelectual como um processo que compreende um aspecto cognitivo e um aspecto afetivo.

Segundo sua teoria, o conhecimento se desenvolve quando as crianças fazem assimilações e acomodações das experiências. Isso pode ocorrer através de ações que são pensamentos ao nível representacional. Com as crianças mais novas as construções acontecem quase que exclusivamente quando ocorrem ações sensório-motoras sobre os objetos, ou seja, quando a criança brinca sem a utilização da noção de regras e a inteligência trabalha através das percepções (simbólico) e das ações (motor) através dos deslocamentos do próprio corpo .

A dimensão afetiva que inclui os sentimentos, interesses, impulsos ou tendências (tal como "vontade") e valores, constitui o fator energético dos padrões de comportamento cujos aspectos cognitivos referem-se somente às estruturas. Na verdade, não existe conduta, por mais intelectual que seja, que não compreenda padrões afetivos como "motivos". Na concepção de Piaget, tanto o aspecto cognitivo quanto o afetivo desempenham papéis chaves no desenvolvimento intelectual.

Ainda de acordo com Piaget (1980), vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas, já que o ato de inteligência pressupõe uma regulação energética interna (interesse, esforço, facilidade, etc), o interesse e a relação afetiva entre a necessidade e o objeto susceptível de satisfazê-la. É muito importante para a criança perceber no(a) professor (a) um(a) amigo (a), já que é o laço afetivo que irá influenciar diretamente na aquisição do conhecimento. Vale ressaltar que, na dinâmica do processo ensino-aprendizagem, encontra-se também a moralidade, pois esta constitui a obediência às regras do jogo. A moralidade é o palco, por excelência, onde a afetividade e a razão se encontram, via de regra, sob a forma de confronto. Em outras palavras, a afetividade interfere no uso da razão.

Para que a criança construa o juízo de moral, este poderá ser feito, segundo Piaget (1980), através de regras de um jogo, trabalhando o contrato/acordo entre partes, o respeito às regras, construindo a moralidade do homem individual e social. O ingresso da criança na sociedade certamente se dá pela aprendizagem de diversos deveres a ela impostos pelos pais e adultos em geral: não mentir, não pegar as coisas dos outros, não falar palavrão, etc. O adulto deve perceber que a criança irá evoluir em seu juízo de moral e que aquele ditado "faça o que eu falo e não faça o que eu faço" estará ultrapassado com o tempo, pois

gradativamente a criança chegará a etapa da autonomia mais crítica diante do que o adulto fala e transmite, e também do mundo que a rodeia. A criança chega à etapa da autonomia crítica quando há consenso nas regras, onde o respeito às regras é decorrente de acordos mútuos ou coletivos. É também o período em que surge a capacidade de estabelecer relações cooperativas genuínas.

Considerando todos os elementos expostos até o momento, observa-se que os problemas de aprendizagem, como as dificuldades de compreensão, interpretação, leitura, escrita e raciocínio lógico, entre outros, são de fato difíceis de serem compreendidos. No entanto, para avançar na compreensão do não aprender, um primeiro passo é olhar para a criança ou para o jovem em sua totalidade afetiva e cognitiva, conforme sugere a teoria piagetiana, ao considerar a afetividade e a inteligência como aspectos inseparáveis, irredutíveis e complementares da conduta humana. (Piaget, 1980). A seguir será apresentada a descrição da escola onde foi realizada a pesquisa, o perfil e as características da turma e a visão dos professores em relação a essa turma.

### **3 DESCRIÇÃO DA ESCOLA**

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a escola é um espaço onde diferentes valores, experiências, concepções e relações sociais se misturam e fazem do seu cotidiano uma complexa rede de conhecimentos e relações entre sujeitos.

Nesse capítulo apresentaremos a estrutura, os objetivos e a forma de avaliação da escola onde realizamos o estágio e a pesquisa, o perfil da turma observada e onde foi aplicado um questionário sobre a relação professor-aluno. Conheceremos suas características e atitudes e finalmente , através da observação do Conselho de Classe, a visão dos professores, suas falas e concepções sobre a turma.

#### **3.1 CONHECENDO A ESCOLA**

A Escola Municipal de Ensino Fundamental N.S.A., localizada no município de Gravataí, conta com a Educação Infantil e o Ensino Fundamental Completo com duração de 9 anos, em regime seriado anual.

A finalidade da instituição é buscar garantir o desenvolvimento global do ser humano inserido na sociedade, consciente de seus direitos e deveres, como sujeito transformador da realidade, sendo seus objetivos propiciar a participação coletiva de todos os segmentos da Comunidade Escolar, a vivência da solidariedade, do respeito às diferenças e à diversidade, o exercício da autonomia e da cidadania na construção das práticas pedagógicas.

A Educação Infantil, segundo o Regimento Escolar, busca oportunizar o desenvolvimento global da criança, nos aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, complementando a ação da família e da comunidade, promovendo o bem-estar da criança, a ampliação de suas experiências e o estímulo de seu interesse pelo processo do conhecimento do ser humano, da natureza e da sociedade.

Os objetivos do Ensino Fundamental dizem referem-se ao domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a formação necessária ao desenvolvimento da compreensão do natural, do social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; a auto-realização do aluno através da capacidade de aprender , tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades, a formação de atitudes, valores e a orientação para o trabalho; bem como o exercício da cidadania, com fortalecimento dos vínculos da família e dos laços de solidariedade humana (Regimento Escolar).

Portanto, se podem verificar os anseios da escola N.S.A. no sentido de conseguir articular e valorizar as diferentes culturas, através das artes, da tecnologia, da compreensão do natural, do social, do político e dos valores que fundamentam a sociedade. Além disso, observa-se a importância que esta Escola dá ao convívio interativo, que é colocado como uma condição necessária para uma experiência em que o conhecimento é adquirido pelo indivíduo, nas suas relações com o mundo, através de suas percepções e vivências específicas. É necessário, entretanto, uma orientação sistemática do educando de modo a conduzi-lo a melhorar essas relações. Essa orientação proporcionada por qualquer escola deverá ter como objetivo primordial conduzir o aluno a se relacionar melhor, através da aquisição de habilidades específicas e da formação de hábitos e atitudes.

A Escola recebe alunos de instituições educacionais próximas que possuem a seriação incompleta ou não têm condições de atender a demanda. Atualmente, possui 765 alunos. A maioria pertence à classe média baixa, alguns são carentes, sendo oriundos não somente do entorno da escola, mas de comunidades mais afastadas. Trabalham nessa instituição 49 professores e 13 funcionários. O horário de funcionamento é das 8h. às 12 horas e das 13h. às 17 horas.

A Escola possui 20 salas de aula e está estruturada da seguinte forma: Conselho Escolar; Equipe Diretiva; Serviço de Orientação Pedagógica, compreendida aqui a Supervisão Escolar e a Orientação Educacional; Corpo Docente; Corpo Discente; e Serviço Auxiliar da Ação Pedagógica e Administrativa, que compreendem o Apoio Pedagógico à Aprendizagem, Biblioteca, Serviço de Secretaria, Serviço de Merenda Escolar, Serviços Gerais, Serviços de Portaria e Vigilância.

Funciona aos finais de semana o Projeto Escola Aberta, que oferece oficinas com diversas modalidades como futebol, violão, pintura em tecido, dança dentre outros. Além disso, a partir do mês de setembro de 2010 iniciou o Projeto Mais Educação, ou seja, o turno integral, onde alguns alunos, selecionados inicialmente conforme critérios organizados pelo Conselho Escolar e pela Coordenação do Projeto aprovaram, permanecem na escola em turno integral, sendo com aulas em um dos turnos e oficinas de teatro, coral, letramento, judô e matemática no turno inverso ao da aula.

A Escola possui 2 turmas de pré-escola, 13 turmas de Séries Iniciais e 17 turmas de Séries Finais divididas nos dois turnos, manhã e tarde. Os alunos se encontram na faixa etária entre 5 e 15 anos. Além disso, esta instituição conta com recursos tecnológicos, ou seja, Laboratório de Informática, que foi implantado na escola em setembro de 2010. O trabalho com esses recursos está em fase inicial, sendo que poucos professores estão utilizando o Laboratório, enquanto outros estão fazendo cursos de atualização e assim poderem utilizar esse recurso em suas aulas.

Sobre o Regimento da Escola, é interessante observar que foi elaborado com a participação de todos os segmentos que fazem parte da Comunidade Escolar, bem como o Projeto Político-Pedagógico, que foi elaborado a partir do levantamento dos interesses, necessidades e expectativas da Comunidade Escolar e sua avaliação é feita anualmente por todos os segmentos escolares.

A proposta pedagógica é organizada a partir da discussão coletiva dos interesses e necessidades da Comunidade Escolar, para construir um saber que promova a formação global do ser humano, novos comportamentos, valores e atitudes para o exercício da cidadania. O currículo é organizado através de Temas Geradores ou Projetos, considerando uma ação multi e interdisciplinar.

Outro ponto importante a ser observado, refere-se à avaliação, entendida como parte do processo de aprendizagem e tem a função diagnóstica e investigativa de desempenho global do aluno, no que se refere aos conhecimentos, procedimentos e interações, tendo em vista o seu crescimento individual e coletivo, prevalecendo aspectos qualitativos sobre os quantitativos. Assim, avaliação é realizada durante o processo de construção do conhecimento, de forma contínua e cumulativa, utilizando-se de diferentes instrumentos, como se pode verificar a seguir.

Expressão dos resultados de avaliação:

Educação Infantil - semestralmente, através de Parecer Descritivo.

1ª e 2ª séries - trimestralmente, através de Parecer Descritivo.

3ª a 9ª séries- trimestralmente, através de notas. A nota é atribuída através de pesos diferenciados em cada trimestre, totalizando, ao final do ano letivo, 100 pontos. Em cada trimestre são atribuídos 10% dos pontos à avaliação dos aspectos sócio-formativos.

Os alunos com Necessidades Educacionais Especiais, devidamente diagnosticados, são avaliados considerando-se as habilidades e competências demonstradas, levando-se em conta suas necessidades e potencialidades, sendo seu desempenho expresso em Parecer Específico Descritivo, onde os professores relatam o cotidiano do aluno.

Os pais já foram muito mais participativos do que são nos dias de hoje. A Escola encontra dificuldades em interagir com todos os pais dos alunos, pois alegam falta de tempo e muitos demonstram falta de interesse, através do descaso com as reuniões de pais ou do Conselho Escolar, com as entregas das avaliações ou no próprio acompanhamento diário da vida escolar dos filhos. Mas, apesar dessa dificuldade, não poderia deixar de citar os pais participativos, sempre presentes e dispostos a contribuir para garantir o bom funcionamento da instituição.

### 3.2 PERFIL DA TURMA

A observação e o questionário foram aplicados em uma turma de 6ª série do Ensino Fundamental de 8 anos. A turma é formada por 17 alunos, sendo assim caracterizados: em relação ao gênero, 8 alunas e 9 alunos. A idade varia entre 12 e 14 anos; 6 são repetentes; 10 são alunos que já eram da escola e 7 são alunos novos. Estudam no turno da manhã e apenas 1 aluno possui compromisso de trabalho no turno inverso. Os demais cuidam dos irmãos menores nesse período.

A turma possui 9 professoras, cada uma responsável por uma disciplina, ou seja, Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Educação Artística, Educação Religiosa, Educação Física e Inglês. Às quatro horas de cada turno de trabalho são distribuídas em dois blocos de estudo, com duração de 1h45min cada um. No intervalo

entre os blocos há um recreio orientado com duração de 30 min. Sendo assim, a turma tem apenas duas disciplinas por dia.

É uma turma bastante agitada, desmotivada quanto aos conteúdos e propostas de trabalho dos professores. Essa afirmação é feita, pois poucos alunos realizaram as atividades propostas, sendo que a maioria, durante as aulas, ouve música no celular, desenha, conversa, levanta do lugar, caminha pela sala falando alto enquanto o professor explica. Ou seja, não há respeito entre eles próprios e nem com a maioria dos professores. Sentam em fileiras, um atrás do outro, cada um com seu lugar determinado e não há uma aprendizagem mais significativa, apenas cópias, exercícios de memorização, regras impostas, ausência de diálogo dos professores com a turma, que responde com bagunça e indisciplina, saindo da sala sem falar com o professor, jogando bonés no ventilador durante as atividades ou quebrando cadeiras de “brincadeira”.

A turma tem como característica marcante à indisciplina e baixo desempenho escolar, já que a maioria dos alunos apresenta notas abaixo da média em grande parte das disciplinas. Poucos conseguiram atingir a média do último trimestre.

A maior parte dos alunos vive com os pais e irmãos. Alguns moram com a mãe e com os irmãos. As famílias dos alunos, em sua maioria, são de classe média-baixa. Metade das mães trabalha fora e as outras trabalham em casa. Estas, por sua vez, vêm à escola raramente, somente quando chamadas especificamente. Nas reuniões e eventos elas também pouco participam.

Acompanhamos o Pré-Conselho de classe feito com a turma pela Orientadora Educacional e ficou evidente que os alunos têm consciência do seu comportamento, que suas atitudes prejudicam a aprendizagem, que devem mudar, mas que os professores também precisam melhorar as aulas, não fazendo apenas cópias de páginas de livros ou do quadro. Segundo palavras da turma: “Melhoramos um pouco na aprendizagem, mas precisamos melhorar em algumas disciplinas. A turma está horrível em relação ao comportamento, conversamos muito, não esperamos a vez de falar, colocamos apelidos, falamos palavrões, não respeitamos as professoras e brigamos entre nós mesmos. Precisamos, para o próximo trimestre, diminuir as conversas, parar de brigar, de quebrar as

classes e cadeiras, respeitar as professoras, não falar palavrões, chegar no horário, estudar mais e parar com o celular na sala, pois ele atrapalha a concentração. Queremos também que os professores passem atividades diferentes, não só copiar e fazer exercícios, como a professora S., que dá bastante atividades diferentes e por isso nas aulas dela não tem bagunça.” Sobre essa questão, Maldonado nos diz que:

Há alunos ou turmas inteiras que se valem da indisciplina como linguagem, para comunicar o que se passa no relacionamento entre eles e a escola. No entrelaçamento de aprendizagem e afetividade, a indisciplina crônica dificulta a transmissão de conhecimentos e o processo de atenção e concentração, tumultuando o “clima” da sala de aula e prejudicando o rendimento.”(1994, p. 43)”.

Acreditamos que a bagunça da turma seja uma forma de protesto contra aulas que não motivam os alunos a pesquisarem ou fazerem descobertas, já que os conteúdos são totalmente descontextualizados da realidade e que a maioria dos professores, desanimados em relação ao salário, estressados, descontentes, não conseguem ouvir seus alunos, entender que eles já possuem conhecimentos e utilizar esses conhecimentos em seus planejamentos, procurando interagir com a turma de forma positiva.

### 3.3 O CONSELHO DE CLASSE: A VISÃO DOS PROFESSORES

Acompanhamos o Conselho de Classe da turma, onde participaram as 9 Professoras da turma, a Diretora, a Orientadora Educacional e a Supervisora Escolar. Inicialmente a professora regente da turma leu um parecer elaborado pelos professores, “A turma é muito agitada, a maioria dos alunos são impossíveis, poucos são bons alunos. Não têm um bom rendimento, não cumprem regras e nem horários, mentem para as professoras e não as respeitam, bem como não respeitam os próprios colegas. Quando alguma professora chama a atenção de um aluno, debocham, riem ou respondem. Sugerimos uma reunião com os pais, urgente”.

Num segundo momento iniciou-se a discussão do desempenho individual de cada aluno. No entanto, não observamos nenhuma discussão que demonstrasse interesse em compreender as causas das dificuldades apresentadas pelos alunos. Apenas utilizaram um quadro com recomendações para o próximo trimestre. Em momento algum observamos

algum tipo de discussão sobre as metodologias de trabalho utilizadas pelos professores . Apontaram a necessidade de reunião com os pais, encaminhamentos para o Conselho Tutelar e para a Orientação Educacional, mas não pensaram na possibilidade de suas metodologias de trabalho e da sua relação com os alunos como oportunidades de mudanças nas atitudes dos alunos, como fica evidenciado nas falas de algumas professoras a seguir:

(Prof<sup>a</sup> de Artes) “A agitação é boa para desenvolver a criatividade, permito que ouçam música e sentem em grupos. Poucos incomodam e esses mando para a Orientação Educacional.”

(Prof<sup>a</sup> de Português) “É preciso dar atividades o tempo todo, não dá para dar folga, senão eles tomam conta. Só reclamam, não querem ler e nem escrever.”

(Prof<sup>a</sup> de Matemática) “Às vezes chego ao limite, perco a paciência, grito, fico irritada, não consigo explicar a matéria, não prestam atenção, depois não sabem fazer. Desse jeito vamos terminar o ano doentes.”

Através das falas de algumas professoras e das observações feitas na turma constatamos que a escola não está preparada para receber os alunos e suas realidades, pois continua exercendo práticas antigas, que não levam em conta o interesse dos alunos, que não permitem os mesmos sejam sujeitos ativos na construção do seu conhecimento. Principalmente nas séries finais, não observamos a cooperação, as trocas, a interação, pois os alunos continuam enfileirados, tendo apenas que copiar e ouvir. Não há espaço para trocas, discussões e se isso acontece é considerado como falta de respeito pela maioria dos professores.

Infelizmente os professores não estabelecem trocas com seus colegas, o ensino é muito fragmentado, cada um é responsável apenas pela sua disciplina, não conseguem trabalhar de forma interdisciplinar, promovendo a cooperação e a interação entre as disciplinas, o que certamente poderia proporcionar melhores resultados, motivando os alunos em pesquisas que despertassem seus interesses.

Apesar disso, observamos duas professoras que procuram mudanças na sala de aula, nas metodologias de trabalho. Conseguiram estabelecer uma relação afetiva positiva com os alunos, sem perderem os limites necessários para uma boa convivência. São educadoras que estão buscando um novo sentido para desenvolver seu trabalho. Sobre isso nos diz Freire:

[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.(FREIRE, 1996, p. 39).

Por fim, acreditamos que a educação necessita de uma mudança de paradigma, necessita a aceitação do aluno como ser em desenvolvimento, necessita a compreensão de sua maneira de pensar, de acordo com a faixa etária. É necessário, ainda, um olhar do adulto que não seja apenas de imposição ou de punição , mas de aproveitamento das curiosidades, dos desejos, da cooperação como elementos essenciais na aprendizagem, bem como a constante formação do professor.

## **4 AFETIVIDADE E AUTO-ESTIMA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Como profissional atuante na área de ensino, observamos que, atualmente, não há mais respeito mútuo entre professores e alunos, a indisciplina é constante, as reclamações de ambos são quase que diárias e os atos de violência começam a fazer parte do cotidiano escolar. Portanto, acreditamos que é necessário um vínculo afetivo para que se possa compreender as necessidades e o comportamento dos alunos, bem como suas limitações. Se há a valorização dos alunos, do diálogo, da aceitação da divergência de idéias e se é incentivado o trabalho cooperativo baseado nos desafios e nas propostas que levem o aluno a pensar e pesquisar, há um ambiente favorável ao aprendizado.

### **4.1 A INFLUÊNCIA DO PROFESSOR NO RENDIMENTO ESCOLAR DO ALUNO**

O professor desempenha um papel essencial no processo ensino-aprendizagem. Em geral, o que se percebe no cotidiano escolar, principalmente nas séries finais do ensino fundamental da escola em que trabalho, é uma visão de professor “dono do saber”, que demonstra uma postura autoritária, reforçando uma relação de poder e vendo no aluno um sujeito que não deve bagunçar, que deve ficar sentado o tempo todo, sem falar, apenas copiando. Esse tipo de atitude pode levar à indisciplina e ao fracasso escolar. É o que ressalta Moran :

Avançamos mais pela educação positiva do que pela repressiva. É importante não começar pelos problemas, pelos erros, não começar pelo negativo, pelos limites. E sim pelo positivo, pelo incentivo, pela esperança, pelo apoio na capacidade de aprender e de mudar.(MORAN, 2007, p. 33).

Embora a maioria dos educadores tenham tido uma formação acadêmica que levava em conta apenas à parte cognitiva, que classificava, excluía, preocupando-se apenas com notas, nos dias de hoje, é necessário um novo olhar desse educador em relação aos seus

alunos e ao processo de aprendizagem. É necessário que o professor perceba sua importante parcela nesse processo, ajudando o aluno a acreditar em si, a se sentir seguro, a se valorizar como pessoa. Assim será mais fácil trabalhar as regras, a disciplina e a construção de uma aprendizagem significativa como já foi dito no capítulo 1, Tiba observa que o tratamento com respeito e elogios favorece o desenvolvimento da auto-estima, tanto da turma como de cada aluno individualmente: “... é por isso que os alunos vão cada vez melhor naquilo que fazem bem. Em contrapartida, tudo que diminui a auto-estima é abandonado; portanto o indivíduo tende a piorar naquilo que vai mal”. (1996, p.187).

Dessa forma o professor não será mais um mero transmissor de conhecimentos, mas um mediador da aprendizagem, envolvendo –se com o aluno, numa tarefa de ajudá-lo, motivá-lo, desafiá-lo a pensar, pesquisar e se comunicar. Enfim, compreendendo o mundo através do diálogo com os demais sujeitos no processo de ensino. Sobre essa tarefa, Freire (1996, p. 42) relata que educador que pensa coerente exerce como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica, produzindo a compreensão do que vem sendo comunicado.

Conforme Oliveira e Alves (2005) a interação social é o principal recurso para o desenvolvimento humano. É preciso que esta interação seja sadia. Na escola essas relações entre professores e alunos devem ser positivas, ou seja, percebidas e vividas por ambos de forma prazerosa, enriquecedora e que satisfaça suas necessidades. A compreensão de que a relação professor-aluno é importante para que ele desperte e mantenha seu interesse pela escola, precisa vir associada a recursos que o professor adote com o intuito de efetivamente tornar essa relação um instrumento do desenvolvimento. A relação professor-aluno se torna fundamental para que os alunos tenham uma formação completa. É necessário que o professor proporcione aos educandos variadas situações e desafios que lhes permitam desenvolver suas competências , habilidades e comunicação.

Pode-se afirmar que as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre baseadas nos sentimentos de simpatia, acolhimento, respeito e aceitação, pois tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a

autonomia e a confiança em sua capacidade. Atitudes simples, afetuosas e que expressam respeito e limites podem ter efeitos positivos.

#### 4.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS E DISCUSSÃO

As questões foram agrupadas conforme as respostas dos alunos, bem como interpretadas, através de uma relação com os teóricos abordados nos capítulos anteriores. Essa interpretação de dados teve como objetivo destacar os debates sobre afetividade, observando através das falas dos alunos o quanto ela é importante no processo de aprendizagem.

Na questão o que você valoriza na escola, as principais respostas foram à relação com os professores e o esforço dos mesmos (6 alunos), a aprendizagem (4) e os amigos (4). Percebe-se a importância que a relação com os professores e a aprendizagem tem para a maior parte dos alunos. Pode-se constatar que apesar das dificuldades encontradas nessa relação, ainda assim a figura do professor tem uma influência importante no processo educativo, Vasconcelos (1994) entende que a influência do professor em sala de aula é muito grande seja, positiva ou negativa. Não tanto pelo conteúdo que ministra, mas muito mais pelo que ele é como pessoa e pelo seu relacionamento com os alunos.

Infelizmente a realidade mostra professores desanimados em relação ao salário, estressados, descontentes, que transmitem uma imagem negativa ao aluno, esquecendo-se da sua responsabilidade como educador para o êxito da aprendizagem. Além disso, priorizam apenas o conhecimento racional em detrimento das relações afetivas.

Há um descompasso entre a inteligência dos alunos e a falta de sensibilidade de uma parcela dos educadores. É necessária a compreensão de que nem todos aprendem a mesma coisa ao mesmo tempo, por isso a importância de oferecer diferentes formas de trabalhar os conteúdos, onde cada um construirá seu conhecimento de acordo com suas habilidades. Enquanto alguns educadores vêem tantas qualidades negativas em seus alunos, outros vêem, nos mesmos alunos, aspectos positivos, saberes próprios que auxiliam na construção do conhecimento.

Estimular as atitudes positivas, reconhecer os conhecimentos que o aluno já adquiriu, dialogar e ouvir suas idéias, em um processo de troca, contribui para desenvolver a aprendizagem. Neste sentido, segundo D'Oliveira (1987), a interação professor-aluno refletirá alguns valores. Pode-se perceber os valores reais de um educador pelo tipo de relação que este estabelece em classe.

Para Wallon (apud DANTAS, 1983, p.20), um educador não poderá valer-se do uso e do emprego automático das técnicas pedagógicas. É necessária uma integração dessas técnicas na cultura local, criando assim uma aprendizagem significativa. Portanto, mais que passar o conteúdo aos alunos, o ideal é trabalhar com a sua realidade, e tratá-los com amor. Segundo Freire:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 2002, p.73).

Independente dos diferentes métodos de ensino utilizados pelos professores, todos deixam marcas positivas ou negativas em seus alunos. A interação entre professor e aluno só ocorre de forma positiva quando há uma relação de confiança e comunicação.

Nas respostas para a questão: “O que o professor precisa para ser um bom professor?” e “O que mais admira nos professores que mais gosta?” destacam-se entre as características de ser um bom professor a paciência e a calma (6 alunos), ouvir, entender e ajudar os alunos (4) e explicar as matérias mais vezes, conforme a dificuldade dos alunos (4). A partir desses dados, observa-se que os alunos esperam que o docente tenha paciência e calma durante as aulas, que não fique irritado ao ter que explicar novamente e tenha disposição em ouvir e ajudar seus alunos. Da mesma forma destacaram como atitudes que admiram e gostam nos professores, a paciência (5), os professores legais, que ouvem os alunos (3) e as boas explicações (2). É o que destaca Freire:

Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do

outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele. (FREIRE, 1996, p. 113).

De acordo com Maldonado (1994) os alunos ouvidos e respeitados aprendem a respeitar mais os outros. Nesse sentido, é perfeitamente possível transformar a indisciplina numa oportunidade de exercício de cidadania, de estimular a responsabilidade e a busca de soluções viáveis dentro do direito de todos: ensinar e aprender com entusiasmo e, se possível, com prazer.

Em contraposição às características de um bom professor, as atitudes dos professores que os alunos não gostam são: os gritos durante as aulas (9), não explicar a matéria novamente (2) e quando querem mandar em tudo (2). Nas respostas desses alunos depreendemos que, na maioria das disciplinas, os professores já chegam na sala de aula irritados, gritando, não ouvem os alunos, acreditando que são simples recebedores de informações, enquanto o seu papel seria unicamente de transmissores de informações. Vasconcelos (1994) destaca que um dos grandes problemas na relação professor-aluno é a resistência que o professor encontra em assumir sua parcela de contribuição, no desgaste da relação com o educando.

Diante dos novos objetivos propostos para a escola, não apenas transmitir conhecimentos, mas desenvolver a autonomia dos educandos, o professor assume um novo papel, de mediador, criando um ambiente de prazer, onde o aluno deve ser respeitado no seu processo de desenvolvimento, dentro de um ambiente afetivo, tendo como base para esse desenvolvimento a relação professor-aluno. Sobre o assunto, Rodrigues destaca:

As situações de ensino agradáveis suscitam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem. Quando, por infelicidade, o contrário acontece, o aluno tende a rejeitar não só a disciplina que não consegue aprender, mas também tudo quanto a ela se refira, inclusive o mestre e até a própria escola. Se a situação de aprendizagem é gratificante e agradável, o aprendiz tende a se dinamizar, a extrapolar-se para situações novas e similares e, por fim, a inspirar novas aprendizagens. (RODRIGUES, 1976, p. 179).

Em relação às atitudes dos alunos nas diferentes disciplinas fica claro através de suas afirmações que as atitudes estão diretamente ligadas ao relacionamento e as condutas

dos professores da disciplina já que (12) dos 17 alunos responderam que há diferença de atitudes conforme a disciplina.

Em relação ao professor autoritário (14 alunos) não acreditam que esses professores alcançam melhores resultados de aprendizagem com seus alunos. Maldonado (1994) entende que gritos e ameaças dificilmente resolvem o problema, principalmente quando o professor utiliza ameaças ou premiações que não cumpre. Assim, quanto mais autoritário for o ambiente da sala de aula e a atitude do professor, menos possibilidades haverá para o desenvolvimento da autonomia dos alunos, já que o autoritarismo desenvolve o medo, a insegurança, desmotiva e não leva o aluno a pensar, e sim simplesmente reproduzir. Como diz Constance Kamii:

O ambiente socioafetivo e intelectual da classe é um grande responsável pela maneira como as crianças aprendem ou não qualquer assunto. Alguns professores criam um ambiente tão autoritário e coercitivo que me espanto diante da disposição da criança de ir à escola. Outros criam um ambiente que favorece a aprendizagem.(KAMII, 1993, pág. 67)

A partir da reflexão e análise dos dados obtidos e com a contribuição teórica de diversos autores, é possível compreender que o relacionamento existente entre professor-aluno, que possui um vínculo afetivo, facilita o processo de ensino-aprendizagem. O educador transmite segurança e as dificuldades dos alunos são vistas como parte integrante do processo de aprendizagem, sem medo, sem angústias, ou seja, o aluno aprende com seus próprios erros. A seguir destacaremos a importância de uma inovação metodológica, trabalhando com Projetos de Aprendizagem, para a construção de uma aprendizagem significativa.

#### 4.3 PROPOSTAS DE RENOVAÇÃO METODOLÓGICA

A escola não é apenas um local de transmissão de conhecimentos, mas um espaço de diferentes valores, experiências, concepções e relações sociais e, “é geradora de cultura e não só de aprendizagem de conteúdos” (Hernandéz, 1998, p.30).

Nos dias atuais, diante das grandes mudanças que ocorrem no mundo e do avanço da tecnologia, há uma grande necessidade de inovação na prática pedagógica. O ensino tradicional, fragmentado, que parte apenas do professor, com um currículo engessado, sem flexibilização e onde não há espaço para a emoção na sala de aula não atinge mais os objetivos da educação, ou seja, formar cidadãos críticos e participativos.

Diante disso, surge a possibilidade de inovação pedagógica através do trabalho com Projetos de Aprendizagem, onde o tema a ser estudado parte dos alunos, de seus interesses, de suas dúvidas e curiosidades. O desenvolvimento do trabalho é elaborado pelo professor juntamente com os alunos. O professor é um mediador que problematiza, desafia os alunos, tornando-os agentes do processo de construção do conhecimento. O trabalho é baseado na pesquisa, na interação e na cooperação. Segundo Lea da Cruz Fagundes:

Quando falamos em “aprendizagem por projetos” estamos necessariamente nos referindo à formulação de questões pelo autor do projeto, pelo sujeito que vai construir conhecimento. Partimos do princípio de que o aluno nunca é uma tabula rasa, isto é, partimos do princípio de que ele já pensava antes. (FAGUNDES, 1999, p.16)

A avaliação nos Projetos de Aprendizagem deixa de ser classificatória para ser mediadora, ou seja, um processo contínuo durante todo o desenvolvimento da aprendizagem, que permite ao professor observar o desempenho de seus alunos, orientar aqueles que precisam de ajuda e tomar providências imediatas a partir dos resultados da avaliação. Esse tipo de avaliação possibilita que o aluno seja visto como um ser único, com o seu próprio desempenho e valoriza não só o cognitivo, mas também o afetivo e as relações interpessoais.

Durante a realização do estágio do curso de Pedagogia, realizado com uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, com crianças entre 8 e 9 anos, colocamos em prática o trabalho com Projetos de Aprendizagem e observamos crianças trabalhando interessadas, motivadas, felizes nas suas pesquisas tanto nos livros quanto na internet, nas suas entrevistas com outros professores da escola e com os familiares, nas discussões entre os grupos, onde deveriam ouvir as idéias de todos e tomar decisões e na sistematização de suas aprendizagens. Escolheram temas que não faziam parte dos conteúdos da série, porém eram

de seu interesse, estavam motivados a procurar respostas para suas dúvidas, descobriram muitas respostas para estas dúvidas e também descobriram que algumas de suas certezas não estavam corretas. Neste sentido, acredita-se que estes alunos, construíram aprendizagens significativas, que não esquecerão, pois não foram mecanicamente memorizadas ou descontextualizadas. Cabe ao professor o papel de mediador, trazendo questionamentos e desafios e estabelecendo relações entre as pesquisas e os conteúdos estabelecidos para a série. Freire nos diz que [...] “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.” (1996.p. 26).

A atuação pedagógica não deve ficar restrita apenas nas linguagens oral e escrita, mas deve contemplar o uso de múltiplas linguagens como a música, as artes, a tecnologia, a expressão corporal, o movimento, etc. Cada uma dessas linguagens tem elementos próprios, e por isso os professores precisam ampliar seus conhecimentos e se apropriar de suas características para empregá-las como ferramentas de aprendizagem.

Na escola, desde os tempos mais antigos, as crianças não eram estimuladas a pensar e tomar decisões. Ao contrário, eram levadas a obedecer e dar respostas prontas e memorizadas. Contudo, através do trabalho em grupo, do respeito à opinião das crianças, das reflexões proporcionadas pelos questionamentos e da relação afetiva entre professor e aluno é possível o desenvolvimento da autonomia. Barros comenta que

Quando os adultos não castigam as crianças por seus erros, mas usam o diálogo, trocando pontos de vista com eles, estão desenvolvendo a sua autonomia, a capacidade de tomar decisões por si mesmas, levando em consideração o ponto de vista das outras pessoas. As crianças que são estimuladas a tomar decisões são encorajadas a pensar. O oposto da autonomia é a heteronomia: seguir as opiniões de outras pessoas. Muitos adultos não se desenvolvem, mantiveram-se intelectualmente heterônomos e acreditam no que lhes dizem, sem fazer perguntas. Aceitam conclusões ilógicas, slogans e propagandas, sem questioná-los. (BARROS, 1996, p. 33).

Não poderíamos deixar de citar a importância das atividades lúdicas no processo de aprendizagem, pois a partir do momento em que as crianças ou os jovens forem autores de

seus próprios trabalhos, estarão desenvolvendo a imaginação, a criatividade, fazendo relações com sua realidade e principalmente estarão sendo sujeitos ativos na construção de suas aprendizagens, aprendendo com prazer e desenvolvendo a autonomia e a auto-estima.

Finalmente, imaginando um trabalho com a turma de 6ª série que levasse em conta essas possibilidades citadas acima, acreditamos que não teríamos tanta indisciplina, falta de motivação e desinteresse, mas sim jovens motivados a fazer descobertas sobre suas curiosidades, construindo aprendizagens com prazer e significado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apresentado no início desse trabalho, a questão da afetividade na escola tende a ser colocada em segundo plano. No entanto, como demonstrado durante a pesquisa teórica, os conceitos de afetividade e auto-estima apresentam muitas semelhanças entre todos os autores pesquisados, proporcionando destaque para a afetividade que está presente nas relações sociais. Além disso, no ambiente escolar, essa questão, não está relacionada apenas ao contato físico, mas ao respeito mútuo entre professor e aluno, à comunicação e a interação entre ambos, a construção das regras e dos limites de forma coletiva.

Observamos que o ensino tradicional se faz presente na escola, quando se trata da relação professor-aluno. O autoritarismo está presente nas relações sociais e se reproduz também dentro da escola: o grito, as imposições, a desconsideração. Porém, há muitas expectativas de que os educadores compreendam a necessidade de um novo olhar para a educação, entendendo a necessidade de uma renovação metodológica e de uma relação afetiva que os aproxime mais do aluno, facilitando dessa forma o processo de aprendizagem de maneira cooperativa, prazerosa, modificando o cenário da indisciplina e da falta de motivação tanto dos alunos quanto dos professores.

A escola, portanto, deve voltar-se para a qualidade das suas relações, valorizando o desenvolvimento afetivo e social e não apenas o cognitivo, como elementos fundamentais no desenvolvimento da criança e do jovem. As relações de mediação feitas pelo professor devem ser sempre baseadas por sentimentos de respeito, aceitação e valorização do aluno, pois esses sentimentos marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento e elevam sua auto-estima, fortalecendo a confiança em suas capacidades.

A proposta de um Projeto de Aprendizagem (PA) é aprender a aprender e não a ensinar. O mais importante no PA é o processo durante o seu desenvolvimento, pois ele permite ao aluno trabalhar com mais autonomia, ele aprende a buscar respostas para os desafios, a pensar, pesquisar, organizar tudo o que pesquisou, observou e refletiu e formular conceitos construindo sua própria aprendizagem. O PA é diferente do Projeto de Ensino, normalmente trabalhado na escola, onde tudo é centrado no professor, segue uma seqüência de conteúdos, é como uma transmissão de conteúdos onde o aluno é apenas receptivo e repete o que foi transmitido enquanto no PA o aluno é sujeito ativo, pois o projeto é

baseado em suas curiosidades, é um trabalho colaborativo que envolve os professores e os alunos.

Finalmente, por meio das discussões dos autores , conclui-se que a afetividade assume um papel fundamental na relação entre professor e aluno, pois influencia de forma positiva no processo de construção do conhecimento, na elevação da auto-estima e no desenvolvimento da autonomia.

Concluiremos com as palavras registradas no questionário por um aluno de 14 anos, referindo-se às atitudes dos professores: “Um sorriso pode valer mais do que mil palavras”.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.
- BARROS, Célia Silva Guimarães. **Psicologia e Construtivismo**. São Paulo. Ática, 1996.
- DANTAS, Pedro da Silva. **Para conhecer Wallon, uma Psicologia dialética** 1ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- D'OLIVEIRA, Martha Hubner. **Ensinando aprendendo: Cadernos brasileiros de educação**. São Paulo: Ed. Clr Balieiro, 1987.
- FAGUNDES, Léa et al. **Aprendizes do Futuro: as inovações começaram!** Coleção Informática para a Mudança na Educação. Ministério da Educação. Secretaria da Educação a Distância. Programa Nacional de Informática na Educação, 1999.
- FERNANDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**.9. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MALDONADO, Maria Tereza. **Aprendizagem e afetividade**. Revista de Educação AEC, v. 23, n. 91, p. 37-44, 1994.
- OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; ALVES, Paola Biasoli. Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 31, ago. 2005 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X2005000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000200010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 nov. 2010.
- PEREIRA, Gilson de Almeida. **Limites e afetividade**- Canoas: Ed. Ulbra, 2004. 154p.
- PEREIRA, Gilson de Almeida. **Limites e afetividade**- Canoas: Ed. Ulbra, 2004. 154p.
- Apud TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996. -
- ----- **Ensinar aprendendo**. São Paulo- Gente, 1998.
- PEREIRA, Gilson de Almeida. **Limites e afetividade**- Canoas: Ed. Ulbra, 2004. 154p.
- Apud MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Educação- Novas perspectivas**. Porto Alegre:Sulina, 1974.

PEREIRA, Gilson de Almeida. **Limites e afetividade**- Canoas: Ed. Ulbra, 2004. 154p.

Apud HERNÁNDEZ, Fernando. Transgressão e mudança na educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1980

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano**. São Paulo: Mc Graw- Hill do Brasil, 1976.

VASCONCELOS, Rita Magna de Almeida Reis Lobo. **O professor e o jogo das emoções**. Revista de Educação AEC, v. 23, n. 91, p. 78-83, 1994.,

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70. 1968.

Aluno	Idade	Série	O que valoriza na	Maior dificuldade	O que o professor precisa	O que faz o aluno não
-------	-------	-------	-------------------	-------------------	---------------------------	-----------------------

## APÊNDICE

### Apêndice 1

#### Instrumento de pesquisa

Série

Questões:

- 1)O que você mais valoriza na Escola?
- 2)Qual é a sua maior dificuldade na sala de aula? Por quê?
- 3)O que você acha que o professor precisa para ser um bom professor?
- 4)O que você entende por uma boa relação com seu professor?
- 5)O que faz um aluno não ter um bom rendimento em relação a sua aprendizagem? Por quê?
- 6)O que você mais admira nos professores que mais gosta?
- 7)Que atitudes dos professores você não gosta? Por quê?
- 8)Suas atitudes na sala de aula são diferentes conforme o professor e a disciplina? Por quê?
- 9)Professores mais autoritários conseguem alcançar melhores resultados com os alunos? Por quê?

### Apêndice 2

Quadro de tabulação dos dados da pesquisa de campo.

6°	escola	em sala de aula	para ser um bom professor	ter um bom rendimento
1M 14 anos	Os amigos, o ensino e a relação com o professor	Conversa, extrapolo	Ouvir os alunos	É melhor de trabalhar com professores legais
1F 12 anos	A educação, o esforço dos professores na aprendizagem	Conversa, se alguém começa eu também vou	Entender o aluno e ser amigo	Bagunça
2M 12 anos	Direção	Bagunça: eu vou na onda dos outros	Explicar as atividades	Os professores que não explicam a matéria
2F 13 anos	A aprendizagem, a educação	Quando os colegas gritam, dificuldade de se concentrar	Explicar melhor as atividades, ajudar o aluno	A bagunça, não fazer as atividades
3F 13 anos	O recreio	Não entender a matéria	escutar o aluno	A bagunça
4F 12 anos	Educação, ser respeitado	Entender a matéria: muita bagunça	ser legal e ter paciência	Não prestar atenção na aula
3M. 14 anos	A aprendizagem e os professores	O barulho da turma atrapalha a concentração	Ter paciência e ser divertido	Os professores não explicam direito, não repetem
4M 12 anos	As amigadas	O tumulto na sala, o barulho	Ter pulso firme, ser legal	Os professores não explicam direito, não repetem
5M 12 anos	O recreio	Conversa é inevitável	Ter calma e fazer alguma coisa diferente na aula	Problemas em casa podem pesar na cabeça
6M 14 anos	A quadra de futebol, a merenda	O barulho, os professores não conseguem dar aula	Não gritar e não chegar atrasado	Os professores não explicam direito e não escutam o aluno
5F 12 anos	Os professores, colegas	Professores que não prestam atenção em mim.	Respeitar os alunos. Brincar um pouco e sorrir	Gritos dos professores, não explicam
7M 14 anos	Professores (alguns), amigos, escola limpa	Não presto atenção nas aulas.	Ser mais calmo e os alunos mais educados	Precisam fazer silêncio e respeitar mais os professores
6F 12 anos	Aprendizagem e amigos	Professores "chatos"	Saber explicar	A bagunça
7F 12 anos	O recreio, a merenda, educação física	Bullying, botam apelidos sem eu aceitar	Ter calma, ser legal e explicar as matérias	A conversa e a bagunça
8M 13 anos	O respeito com todos	Escutar a professora, porque estão conversando	Paciência e bom humor	A bagunça e a conversa, as brigas, não consigo me concentrar

9M 13 anos	Aprendizagem, os professores, a limpeza	A bagunça, não da para estudar	Estudar, ser pontual e educado	Bagunça, brigas, problemas em casa
<b>Aluno Idade Série</b> <b>6°</b>	<b>O que mais admira nos professores que mais gosta</b>	<b>Que atitudes não gosta dos professores</b>	<b>Suas atitudes são iguais ou tem diferença em alguma disciplina</b>	<b>Professores autoritários alcançam melhores resultados com os alunos</b>
1M 14 anos	A paciência	Quando eles gritam, me sobe o sangue	Muda, professor legal, beleza. Professor que grita me deixa irritado	Não, eu não obedeco
2F 12 anos	Ser um professor amigo	Gritos, não somos surdos	Tem diferença: depende da minha relação com o professor	Não, pelo contrário
2M 12 anos	O ensino (jeito de ensinar), as atitudes	Gritam na sala	Tem diferença, alguns professores não têm a mesma atitude que outros	Não, se acham os donos de tudo
2F 13 anos	Explicar a matéria para os alunos e ajudar	Quando gritam com quem não tem nada a ver com o problema	Tem diferença, algumas aulas são muito agitadas	Não, porque aí é que os alunos se agitam e não fazem as atividades
3F 13 anos	Ajudar os alunos, explicar mais de uma vez	Quando não explicam novamente	Tem diferença, porque eu não gosto de alguns professores	Não, não ajudam os alunos
4F 12 anos	A paciência	Professores que gritam	São iguais porque eu fico na minha	Não, porque os alunos não vão gostar deles
3M 14 anos	A paciência	Brigas e gritos	Tem diferença, em algumas disciplinas eu bagunço	Não, só conseguem deixar o aluno com raiva
4M 12 anos	A atenção com os alunos, o respeito com os alunos	Ser ignorante com todos, não só com os que incomodam	Tem diferença, em algumas disciplinas eu converso	Não, só vai revoltar os alunos
5M 12 anos	Senso de humor	Quando gritam	Tem diferença, algumas matérias não me atraem mais	Não, só faz o aluno ter raiva
6M 14 anos	A paciência	Quando querem mandar em tudo	Tem diferença, alguns professores são chatos, outros não	Não, eles nunca vão conseguir nada
5F 12 anos	Responsabilidade de vir na escola	Aquele que quer mandar porque acha que é o dono da sala	Tem diferença, alguns professores são legais outros não	Sim, porque não tem outra saída
7M 14 anos	Ser legal e dar atividades legais	Professores irritados	Tem diferença, alguns professores explicam e outros não	Tem que botar respeito nos alunos, para os alunos respeitarem eles
6F 12 anos	?	Professores que gritam	São sempre iguais	Não.
7F 12 anos	São legais, não gritam quando o aluno pergunta	Quando não explicam e gritam quando a gente pergunta	Tem diferença, depende da matéria	Não, perdem o respeito
8M 13 anos	A paciência e o bom humor	Dar bilhetes por coisas que a gente não fez	Não: todas as matérias são iguais	Não, porque aí os alunos bagunçam

9M 13 anos	Ser legal e ríido quando tem que ser	Nenhuma	São iguais, sou sempre a mesma	Não, não gosto quando o professor só quer mandar
------------	--------------------------------------	---------	--------------------------------	--